

GUIA DE DIREITOS DO BRASILEIRO AFRODESCENDENTE

PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA - SECRETARIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS
PROJETO CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS



cadernos



Pensando identidade étnica como uma construção histórica que se dá a partir da relação de condições subjetivas e objetivas de uma determinada sociedade, temos que recuperar a história do negro no Brasil.

Resgatar a ação de homens e mulheres negras que se destacaram na história do país é contribuir para criar essas referências.

Perceber os contextos históricos e qual a participação dos negros nesses contextos é tão importante para a construção de uma identidade étnica quanto para pensar ações de combate ao racismo.

Biblioteca - Ministério da Justiça



MJU00057264D14



**CEAP - CENTRO DE ARTICULAÇÃO
DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS**

F
305.896081
C122V
Dep.LEGAL

VULTOS NEGROS NA HISTÓRIA DO BRASIL

NELSON SILVA DE OLIVEIRA

cadernos



VULTOS NEGROS NA HISTÓRIA DO BRASIL

NELSON SILVA DE OLIVEIRA

BIBLIOTECA	14/12/99	793
	BIBN/99	

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Ministério da Justiça - Secretaria Nacional de Direitos Humanos
Projeto Cidadania e Direitos Humanos

ÍNDICE

- 7 UM POVO INVISÍVEL NA NAÇÃO BRASILEIRA
- 11 O NEGRO E A CANA-DE-AÇÚCAR
- 18 O NEGRO E O OURO
- 26 O NEGRO E O IMPÉRIO
- 38 O NEGRO E NO PERÍODO PÓS ABOLIÇÃO
- 53 CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE ÉTNICA AFRO-BRASILEIRA
- 55 BIBLIOGRAFIA BÁSICA

A série *Cadernos CEAP*, parte integrante do projeto Guia de Direitos do Brasileiro Afro-Descendente, reflete a preocupação do CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas com o processo de formação de consciência crítica para o exercício da plena cidadania. Esse princípio institucional, que traduz uma das estratégias de intervenção da organização no contexto do racismo praticado no Brasil, vem possibilitando novas posturas sobre a questão e ampliando as alternativas para o avanço de propostas efetivas de combate às diversas formas de preconceito e de discriminação.

O maior desafio que o CEAP tem encontrado ao longo desses 10 anos de existência da instituição é de sensibilizar homens e mulheres, negros e brancos, bem como as crianças e os adolescentes, para a gravidade e os prejuízos que o racismo causa à nação brasileira.

Para vencer esse desafio temos contado com parcerias importantes, sensíveis a essa luta, nos três níveis de governo, na sociedade civil organizada e na solidariedade internacional, pois há um convencimento, ainda que não explícito e não generalizado de que o melhor caminho para a democracia é o respeito pelas diferenças e pelas singularidades humanas.

Destacar personagens negros na história do Brasil é de suma importância para termos uma visão que leve realmente em consideração a participação do negro em nossa história. Escutamos falar muito e lemos nos livros didáticos sobre Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I e Tiradentes, entre outros personagens. Temos assim, como principais personagens históricos, os portugueses ou os brasileiros brancos, enquanto os negros são vistos como uma grande massa de escravos, pobres, malandros, etc.

Hoje, podemos perceber que a historiografia começa a destacar alguns vultos negros, principalmente Zumbi. Mas ainda é muito pouco em relação à contribuição dos negros para a construção do Brasil. Não queremos construir ou reforçar uma história personalista, mas sabemos que é fundamental, para a população afro-brasileira, o (re)conhecimento de sua luta e de seus heróis. Ao abrir os livros que relatam as lutas do povo brasileiro, essa população não se vê representada, não encontra referencial.

Falar de vultos negros é contribuir para dar visibilidade ao negro na sociedade brasileira. Com a difusão e a aceitação do mito da democracia racial na década de 30, a idéia de três raças que se unem para formar o brasileiro passa a ser quase que um dogma para a maioria da sociedade. Para que falar em raça, em preconceito racial, em discriminação se esse é o país do paraíso racial? Discutir sobre racismo parecia ser um absurdo. Era discutir sobre o que não existia. No meio dessa visão harmônica de um Brasil democrático etnicamente, sempre encontramos pessoas que elevaram a voz discordando dessa visão.

A partir da década de 70, com o chamado ressurgimento do movimento negro, a questão racial vai ganhando espaço. Apesar de aquém do necessário, temos hoje a problemática racial colocada na academia, nos movimentos sociais, nos governos, na legislação, na mídia. Cada vez

Temos como principais personagens históricos os portugueses ou os brasileiros brancos, enquanto os negros são vistos como uma grande massa de escravos, pobres, malandros etc. Hoje, podemos perceber que a historiografia começa a destacar alguns vultos negros, principalmente Zumbi.

A visão de um sistema justo etnicamente persiste. O que há, para a maioria das pessoas, são indivíduos e eventos que fogem a essa regra. Isso faz com que o racismo no Brasil seja extremamente cruel.

mais, se percebe que o racismo é uma realidade na nossa sociedade. Os índices sociais constataam que os afro-brasileiros estão nos níveis mais baixos de pobreza e de escolaridade. Encontramos os negros nas emissoras de televisão em número insignificante em relação a sua presença na sociedade. A discriminação existe na escola, no trabalho, nas ruas.

Apesar da ação dos grupos do movimento negro e de outras pessoas que lutam contra o racismo, o mito da democracia racial persiste. Podemos afirmar que esse mito foi readaptado. Muitas pessoas até conseguem perceber o professor racista, o patrão racista, o indivíduo racista, mas dificilmente percebem que a escola, o mercado de trabalho, as estruturas sociais, de uma maneira geral, são racistas.

A visão de um sistema justo etnicamente persiste. O que há, para a maioria das pessoas, são indivíduos e eventos que fogem a essa regra. Isso faz com que o racismo no Brasil seja extremamente cruel. Não se consegue perceber que ele já está internalizado nas pessoas, já está introjetado em práticas vistas por muitos como normais, como por exemplo, apelidar uma criança de "macaco".

Em decorrência desse processo cruel os afro-brasileiros sofrem com a falta de auto-estima. Desde criança o processo sutil e cruel da discriminação age nas vidas dos negros. A criança negra na escola não ganha o concurso de "rainha da primavera", os apelidos mais pejorativos cabem aos negros, o referencial estético de beleza é europeu, sem falar no processo de depreciação cultural afro-brasileira. O negro não se vê e não se gosta. O seu ideal social é o embranquecimento. Ele quer "deixar" de ser negro para se tornar somente brasileiro, e o perfil que se transmite do brasileiro é branco. A menina brinca com a boneca branca, as apresentadoras de programas infantis são

brancas, os galãs e mocinhas das novelas são brancas. A construção do brasileiro tem como pilar teórico as três raças, mas o que vemos, na prática, é um Brasil embranquecido que não dá espaço para o negro se ver e construir uma identidade étnica que se traduza em cidadania em suas dimensões política, social, econômica, cultural.

Assim, no processo de luta contra o racismo é da maior importância construirmos uma identidade afro-brasileira. Não para desbancar a idéia de brasilidade, mas para que, a partir dessa construção, os negros possam exercer, de forma plena, sua cidadania e lutar contra o racismo.

A construção dessa identidade tem que ser uma preocupação de todos que lutam por um Brasil mais justo e democrático. Uma das dificuldades encontradas na luta contra o racismo é justamente essa: os próprios setores progressistas da sociedade pensam muitas vezes que a questão racial é secundária. Ledo engano. Pensar o homem na sua plenitude é perceber que temos que atacar tudo que oprime esse homem. Não podemos falar em democracia e cidadania sem enfrentar todas e quaisquer formas de injustiças e discriminações.

A construção de uma identidade afro-brasileira que valorize o negro é também dificultada porque se deteriorou o sentido de cultura negra. O carnaval, o samba, a capoeira, que eram, e são vistos por muitos, como lugares de negros, vão sendo exploradas pela chamada indústria cultural. O que antes era marginalizado passa a ser incorporado pelo sistema capitalista, e deixa de ser da cultura negra para pertencer à cultura brasileira. Podemos fazer até uma comparação com o jazz americano: nos Estados Unidos, o jazz é um tipo de música americana identificada como pertencente à cultura afro-americana. Óbvio que isso não impede que pessoas brancas gostem e sejam músicos de jazz, mas é uma música

No processo de luta contra o racismo é da maior importância construirmos uma identidade afro-brasileira. Não para desbancar a idéia de brasilidade, mas para que, a partir dessa construção, os negros possam exercer, de forma plena, sua cidadania e lutar contra o racismo.

da cultura afro-americana, em particular, e da cultura americana de maneira geral. Se fizermos um paralelo com o samba, contatamos que ele é de origem negra, mas isso é visto como contribuição do negro diluída na cultura brasileira; perde a dimensão de cultura afro-brasileira.

Com a absorção pela indústria, ganha também a dimensão de mercadoria. Como toda mercadoria tem um custo, os negros passam a ter menos acesso a um tipo de cultura que, pelo menos originalmente, lhes pertencia. Assim, até mesmo nos ditos lugares de negro, ele já não participa com a frequência de outrora. As dificuldades para entrar no mercado da música, de frequentar academias e escolas, de não pertencer ao padrão estético estabelecido e a baixa auto-estima fazem com que os negros tornem-se invisíveis.

A democracia racial teve a crueldade de deixar para o negro o espaço da emoção. Ao trabalhar com categorias inerentes de cada raça, esse é o espaço que cabe à população negra, cabendo ao branco o espaço da razão. Os brancos seriam médicos, engenheiros, advogados. Os negros, a malandragem, o samba e a cachaça. Na prática, os negros perdem seus espaços com graves reflexos na construção de uma identidade étnica que não seja pautada no exótico, no folclórico, no caricatural, nos estereótipos e no pejorativo.

Cabe aqui registrar as revistas especializadas em negritude, sejam elas culturais, políticas ou de simples entretenimento e, ainda, artistas negros que buscam combater o racismo. São agentes que, mesmo restando contra a maré globalizante da exclusão, contribuem para dar um pouco de visibilidade aos negros, estimulam a auto-estima de crianças negras e fomentam a reflexão sobre a existência ou não do racismo na sociedade brasileira.

A democracia racial teve a crueldade de deixar para o negro o espaço da emoção. Ao trabalhar com categorias inerentes de cada raça, o espaço da emoção é o que cabe à população negra, cabendo ao branco o espaço da razão. Na prática, os negros perdem seus espaços com graves reflexos na construção de uma identidade étnica.

Além dos aspectos culturais que entram no processo de construção de uma identidade afro-brasileira que dê visibilidade ao negro, aspectos históricos são de fundamental importância para formar essa identidade. No processo de “visibilização” do negro é necessário valorizar uma história do Brasil que leve em consideração a participação do negro. Pensando identidade étnica como uma construção histórica que se dá a partir da relação de condições subjetivas e objetivas de uma determinada sociedade, temos que recuperar a história do negro no Brasil. Neste contexto, resgatar a ação de homens e mulheres negras que se destacaram na história do país é contribuir para criar essas referências.

Nessa valorização da história, o destaque de pessoas pode servir para simbolizar ações coletivas. E é com esse intuito que surge este caderno. Procurou-se aqui perceber, em momentos importantes da história do país, a atuação dos negros, destacando personagens que simbolizavam bem esta ação.

Perceber os contextos históricos e qual a participação dos negros nesses contextos é tão importante para a construção de uma identidade étnica quanto para pensar ações de combate ao racismo.

Os portugueses, quando chegaram ao Brasil, procuravam metais preciosos. Os espanhóis já haviam encontrado ouro e prata na América espanhola, principalmente em terras Astecas (atual México). A Espanha leva uma certa vantagem — Astecas, Incas e Maias já conheciam metais preciosos, enquanto os portugueses se deparam com indígenas que não conhecem o ouro e a prata. Portugal mantém contato com

Associando identidade étnica às origens e tradições de um determinado grupo, temos que recuperar a história do negro no Brasil. Para que se conquiste um mínimo de coesão, o grupo étnico precisa valorizar a sua cultura, suas tradições, seus costumes e a sua história.

O NEGRO E A CANA-DE-AÇÚCAR



12

A economia colonial se organiza tendo como base a monocultura, o pacto colonial e a mão-de-obra escrava. A escravidão de africanos, além de suprir o problema de mão-de-obra para a empresa açucareira, também passa a ser um negócio bastante lucrativo.

nosso país somente através de expedições que tinham como atribuições conhecer melhor o território, levar o Pau-Brasil para ser comercializado na Europa e procurar ouro. A não fixação dos portugueses no país, nos primeiros anos pós-1500, fez com que outros povos, principalmente os franceses, buscassem dominar o país.

Portugal percebeu então que para manter essas terras sobre seus domínios era necessário, de fato, colonizar o Brasil, criando uma estrutura econômica e política na colônia que propiciasse a vinda dos portugueses. Portugal tinha a esperança de encontrar metais preciosos. Mas para efetivar a colonização era necessário viabilizá-la economicamente. Para tal, os portugueses encontraram na cana-de-açúcar o produto capaz de viabilizar seu projeto político. Assim, o açúcar produzido no Brasil passou a ser comercializado na Europa.

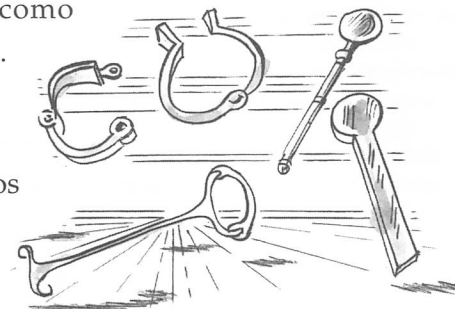
A economia colonial se organiza tendo como base a monocultura, o pacto colonial e a mão-de-obra escrava. A escravidão de africanos, além de suprir o problema de mão-de-obra para a empresa açucareira, também passa a ser um negócio bastante lucrativo.

As condições do escravo no Brasil eram as piores possíveis. Sofriam maus tratos e a simples sobrevivência já era uma tarefa bastante difícil. Esses maus tratos já começavam nos navios que traziam os negros amontoados como bichos. Ao chegar, eram distribuídos sem respeitar laços familiares ou tribais, além de sofrer castigos físicos por qualquer ato que os portugueses julgassem como indisciplina. Sendo Portugal um país católico, esse tratamento em relação aos negros, para que não criasse conflitos com a ideologia cristã, teve como base a desqualificação humana dos negros. Assim, os africanos eram vistos como sub-humanos, e isso servia para justificar a escravidão.

Para enfrentar essa situação os negros tiveram como principais armas as fugas e a organização de quilombos. A visão de que os negros aceitavam bem a escravidão e de que os portugueses eram senhores de escravos bondosos não condiz com a realidade. A organização dos quilombos foi a forma encontrada pelos negros para enfrentar as opressões físicas, culturais e morais impostas pelos portugueses. Foi a alternativa encontrada em relação ao cruel sistema escravocrata.

Nos quilombos, o ponto alto é a organização. Vamos encontrar ali uma forte organização econômica, baseada na agricultura de subsistência, uma organização militar com complexas táticas de guerrilhas para enfrentar a Coroa e uma forte organização política. Existiram no Brasil colonial mais de cem quilombos, que se tornaram a principal referência de negação ao antigo regime. Representam os pólos de agregação dos oprimidos pelo regime colonial, reunindo além dos negros, os índios e os brancos pobres.

Um dos principais foi o Quilombo dos Palmares, conhecido também entre os palmarinos como Angola Janga, que significa Angola Pequena. É um dos principais símbolos da resistência negra. Durante cem anos (1595-1695) conseguiu resistir aos ataques da Coroa, conseguiu também ter uma vida social extremamente organizada, chegando a ter, em 1640, segundo os holandeses, quase dez mil quilombolas. O feito de Palmares se torna mais extraordinário quando constatamos que este quilombo foi um dos mais atacados, pois ele se localizava na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas, local de grandes plantações de cana de açúcar. Era de interesse dos grandes



A organização dos quilombos foi a forma encontrada pelos negros para enfrentar as opressões físicas, culturais e morais impostas pelos portugueses.

13



proprietários de terra aniquilar com Palmares para tentar recuperar escravos ou para evitar que, tendo Palmares como referência, os escravos tivessem maior motivação para fugas.

Um dos grandes líderes de Palmares foi **Zumbi**, que nasceu livre, em 1655, em Palmares. No mesmo ano, num dos diversos ataques dos portugueses a Palmares, eles conseguem capturar algumas pessoas, entre elas Zumbi, que acabou sendo entregue a um padre conhecido como padre Melo, que o batizou com o nome de Francisco. Apesar de ter uma criação diferente da maioria dos negros, pois chegou até a ser coroinha, Francisco não estava satisfeito com a sua situação de escravo e em 1670 foge, regressando para Palmares. Francisco passa então a se chamar Zumbi.

Em 1670 Palmares era uma organização que se subdividia em dezenas de povoados. Nesse período, o chefe supremo de palmares era **Ganga Zumba**. Zumbi se tornou rapidamente um dos principais auxiliares de Ganga Zumba.

No ano de 1677 Palmares enfrentou uma série de ataques liderados por Fernão Carrilho, que apesar de não conseguir destruir Palmares, capturou uma série de quilombolas, e abalou de certa forma o prestígio de Ganga Zumba e Zumbi assume o comando geral do exército.

Em 1678 o governador de Pernambuco propõe um acordo de paz a Ganga Zumba, que aceita. Entre outras coisas, o acordo considerava livres os negros nascidos em Palmares, mas os negros fugitivos voltavam a ser escravos. O acordo não é aceito pela maioria dos quilombolas. Zumbi e outros chefes marcham contra Ganga Zumba, que foge para o sul de Pernambuco e passa a viver em terras doadas pelo governo colonial. Zumbi passa a ser o chefe supremo de Palmares.

Apesar de ter uma criação diferente da maioria dos negros, pois chegou até a ser coroinha, Francisco não estava satisfeito com a sua situação de escravo e em 1670 foge, regressando para Palmares. Francisco passa então a se chamar Zumbi.

Em 1680, uma última tentativa de paz foi feita pelo governador de Pernambuco, que propôs a paz em troca apenas de Zumbi deixar Palmares. Zumbi mais uma vez negou a possibilidade de qualquer espécie de acordo.

Nos anos subsequentes Zumbi mostrou uma forte liderança e também demonstrou ser um brilhante chefe militar, capaz de organizar eficazes estratégias de combate e resistência, vencendo inúmeras batalhas.

Cada vez mais Palmares preocupava o governo colonial. Depois de várias tentativas de destruir o quilombo, o governo contrata o bandeirante Domingos Jorge Velho e organiza um exército de nove mil homens para aniquilar Palmares. No dia 6 de fevereiro de 1694, o exército colonial, com seus canhões, consegue vencer. Zumbi e outros guerreiros conseguem fugir. Zumbi e seus homens, agora divididos em bandos, voltam à guerrilha. O bandeirante André Furtado seqüestra o palmarino Antonio Soares e consegue arrancar dele o local do esconderijo de Zumbi.

No dia 20 de novembro de 1695 Zumbi sofre uma emboscada. Depois de resistir e lutar é morto a tiros e punhaladas.

Pode-se destacar, além de Zumbi e Ganga Zumba, outros líderes importantes em Palmares: **Ganga Muíssa, Ganga Zona, Acaíne, João Gaspar, João Tapuia, Ambrósio, Dandara, Aqualtune**, entre outros. Além de Palmares, existiram vários quilombos em todo Brasil, em diversos períodos. Pode-se destacar: Quilombo Quariterê, liderado por **Tereza do Quariterê** em Mato Grosso (século XVIII); o Quilombo Alcobaca, liderado por **Felipa Maria Aranha** no Pará (século XIX); o Quilombo de Vassouras, liderado por **Manoel Congo** no Rio de Janeiro (século XIX); e tantos outros mais.

Zumbi demonstrou ser um brilhante chefe militar, capaz de organizar eficazes estratégias de combate e resistência, vencendo inúmeras batalhas. Cada vez mais o Quilombo dos Palmares preocupava o governo colonial.

No período da ocupação holandesa, em Pernambuco (1630-1654), os negros tiveram três atitudes distintas: um grupo buscava fugir e se organizar em quilombos; outro buscou cooperar com os portugueses na luta para expulsar os holandeses; e um terceiro grupo lutou ao lado dos holandeses. Entre os negros que cooperaram com as tropas luso-brasileiras o negro liberto e letrado **Henrique Dias** se destaca. Na luta contra os holandeses, Henrique Dias, filho de escravos libertos, liderou um batalhão de negros. Esse batalhão venceu várias batalhas não só contra os holandeses mas também contra quilombolas. Chegou a lutar contra Palmares e saiu derrotado. Henrique Dias era exímio guerreiro e seu batalhão ficou conhecido como "Os henriques". Após a expulsão dos holandeses, Henrique Dias mostra-se insatisfeito com a forma humilhante e desrespeitosa que ele e seus comandados vinham sendo tratados pelas autoridades locais.

Por outro lado, o mestiço **Domingos Fernandes Calabar**, mostrou ser também um excelente militar. Como guia, e comandando batalhas, deu várias vitórias aos holandeses. Depois de capturado pelos portugueses e brasileiros, Calabar é julgado e condenado à morte. Os holandeses não fizeram nenhum esforço para livrá-lo das mãos dos luso-brasileiros.

Zumbi, Calabar e Henrique Dias, além de pessoas de seu tempo, são símbolos e representações que se adaptam e se atualizam em vários contextos históricos. Henrique Dias representa a aceitação, a assimilação. O caminho que seguiu foi de se aliar ao domínio português, o de procurar dentro da ordem vigente o seu espaço. Calabar rompe com essa ordem, com esse domínio português, mas não rompe com a dominação. Vê no domínio holandês uma possibilidade de dominação mais branda. Talvez pudéssemos associar Calabar a uma postura reformista. Zumbi é a representação da luta por liberdade e cidadania. Luta em nome da liberdade,

A organização de Palmares e as estratégias militares de Zumbi demonstram uma inteligência que se contrapõe à animalidade que o português procurava atribuir aos negros e à visão do negro tendo apenas talento para coisas ligadas ao emocional.



rompe com o sistema dominador e aviltante. Busca construir a cidadania. Zumbi e Palmares contradizem a visão do "bom" escravo, do escravo dócil que aceitava passivamente a escravidão. Contradizem também a visão do "negro emoção" e "branco razão". A organização de Palmares e as estratégias militares de Zumbi demonstram uma inteligência que se contrapõe à animalidade que o português procurava atribuir aos negros e à visão do negro tendo apenas talento para coisas ligadas ao emocional. Enfim, Zumbi e Palmares são símbolos de transformação. Buscam dar cidadania aos excluídos.

O NEGRO E O OURO

No período da União Ibérica (1580-1640), a Espanha vai utilizar muito os navios portugueses em combates e Portugal perde boa parte de sua esquadra. Portugal perde também colônias na África e na Ásia. Com isso, após a União Ibérica, o Brasil é a principal fonte de renda de Portugal. Só que a situação de Portugal não é das melhores: o país teve que contrair dívidas com a Inglaterra para combater a Espanha e a Holanda, além de se sujeitar a acordos comerciais com os ingleses que favoreciam muito mais a Inglaterra do que a Portugal. Para complicar ainda mais, os holandeses quando são expulsos do Brasil, vão plantar, com sucesso, a cana-de-açúcar nas Antilhas, conseguindo superar o produto brasileiro no mercado internacional.

Esse quadro estimula Portugal a organizar expedições (bandeiras) a procura de índios para escravizar, de negros fugitivos e de metais preciosos. No final do século XVII encontram ouro no Brasil.

Esse período é marcado pelo convívio simultâneo da riqueza e da pobreza. Riqueza pela grande quantidade de ouro encontrada e pelo

No final do século XVII encontram ouro no Brasil. Esse período é marcado pelo convívio simultâneo da riqueza e da pobreza.

seu grande valor. Pobreza porque muitas pessoas foram para a região das minas, muitos não conseguiram encontrar ouro, além de não existir infra-estrutura naquelas regiões para atender a população. Faltavam alimentos, roupas, moradia. Com a descoberta do ouro, tudo isso se tornou extremamente caro.

Esse período também vai se caracterizar por uma administração portuguesa mais rigorosa. Sendo o Brasil a principal fonte de renda de Portugal, a Coroa tentou arrecadar o máximo possível da colônia. Buscou-se evitar, de todas as maneiras, o contrabando de ouro, além de exigir dos mineiros o pagamento de altos impostos.

Na sociedade mineradora encontramos uma mobilidade maior do que no Nordeste açucareiro. Havia a possibilidade de um enriquecimento repentino através da mineração. Existiam pequenos mineradores e um número maior de comerciantes, funcionários públicos e profissionais liberais.

Neste cenário, como vamos encontrar o negro? Os grandes mineradores e as minas do governo vão utilizar maciçamente o trabalho do negro escravo. Só que, por mais rigorosa que fosse a fiscalização, alguns conseguiam esconder parte do ouro encontrado para comprar sua carta de alforria.



Os grandes mineradores e as minas do governo vão utilizar maciçamente o trabalho do negro escravo. Por mais rigorosa que fosse a fiscalização, alguns conseguiam esconder parte do ouro para comprar sua carta de alforria.



O negro vai ter uma participação bastante ativa no plano social, artístico e político. No plano social podemos destacar a participação de Chico Rei e Chica da Silva. Chico Rei conseguiu juntar ouro e comprar sua carta de alforria.

O negro vai ter uma participação bastante ativa no plano social, artístico e político. No plano social podemos destacar a participação de **Chico Rei e Chica da Silva**. Chico Rei conseguiu juntar ouro e comprar sua carta de alforria. Tornou-se bastante conhecido na região das minas. Construiu uma igreja para que os negros pudessem frequentá-la livremente e fundou uma irmandade de negros libertos e escravos para comprar outras cartas de alforria.

Diferentemente dos quilombos, o movimento liderado por Chico Rei buscava utilizar um instrumento institucional (as cartas de alforria) para lutar contra a escravidão. Esse movimento é de uma importância exemplar, pois sinaliza para a solidariedade. Devido ao processo de discriminação racial presente ao longo da história do Brasil, muitos movimentos que lutavam e lutam contra essa discriminação, se prendem às políticas mais gerais e perdem a dimensão da solidariedade humana. Chico Rei unificava esses dois sentidos. O político e o humano. Grande articulador, acreditava que movimentos como o seu pudessem minar a escravidão e promover justiça social, enfatizando como fator preponderante para essa justiça a liberdade dos negros. Era solidário com qualquer negro escravo. Sua luta mostra o negro não como mercadoria, como mão-de-obra escrava ou assalariada, como bicho, mas mostra a dimensão humana do negro, que sente, sofre e se alegra. Visão essa que vai contra os interesses da Coroa, que insistia em justificar a escravidão incluindo o negro na categoria de coisa ou de bicho.

Além do ouro, encontraram diamantes no Brasil. Em 1729, foi criado o distrito Diamantino (atual cidade de Diamantina-MG). A partir de 1740 toda a exploração de diamantes só seria permitida mediante um contrato

através do qual a Coroa arrendava todo o distrito a homens importantes da corte. O primeiro contratador foi João Fernandes de Oliveira. João Fernandes teve como companheira, durante o período que ficou no Brasil, a negra Francisca da Silva. Dessa relação nasceram doze filhos.

Mulher de temperamento forte, Chica vai ser famosa na região por ajudar escravos e participar ativamente da vida cultural. Construiu salas de espetáculo para a apresentação de artistas conceituados da época e organizou uma escola de pintores. Ajudou na construção do Convento de Macaúbas, onde educou nove filhas. Entre os seus filhos temos um desembargador, um naturalista, um padre, uma freira. Financiou a alforria de vários escravos e investiu recursos na organização da Inconfidência Mineira. Sob a influência de Chica da Silva, João Fernandes libertava os escravos que encontrassem diamante com mais de 60 quilates.

O cineasta Cacá Diegues, no filme "Xica da Silva", retrata Chica tendo como base ideológica uma visão machista e racista da mulher negra — boa de cama, sensual, erótica e submissa aos prazeres e fantasias dos brancos. Uma análise, mesmo que não profunda da história, demonstra que essa visão é enganosa. Chica não foi uma simples aventura de um português de prestígio. Foi uma relação profunda e duradoura que gerou doze filhos. Mostra também que Chica intervinha, em vários momentos da vida política e social da região, nos assuntos referentes aos negros.

Chica é um dos símbolos da força e da importância da mulher negra. Não podemos cair na visão de perceber Chica como uma exceção a uma regra que entende a luta racial como sendo uma prática quase que exclusiva

Mulher de temperamento forte, Chica vai ser famosa na região por ajudar escravos e participar ativamente da vida cultural. É um dos símbolos da força e da importância da mulher negra.



No plano artístico, podemos destacar Antônio Francisco da Costa Lisboa, o Aleijadinho, entalhador – decorou interiores de igrejas de várias cidades mineiras – e excelente escultor.

de homens. Uma pesquisa mais profunda mostra a participação efetiva e permanente de mulheres nas lutas contra a discriminação racial no Brasil. O binômio machismo/racismo é que não permite que se perceba o grau de importância da mulher negra na sociedade brasileira. Se já é difícil encontrar nos livros didáticos temas referentes à luta dos negros, à importância da cultura afro-brasileira e de personagens negros na história do Brasil, muito mais difícil é encontrar nos livros a figura negra feminina. E essa visão não atinge apenas a intelectuais e militantes brancos, mas muitos homens negros compartilham dessa visão.

É preciso retirar dos ombros de Chica o papel de representar a mulher objeto ou de representar a exceção feminina no universo masculino. Resgatar sua luta é reconhecer a participação da mulher negra no cenário nacional.

No plano artístico, a riqueza ocasionada pelo ouro vai proporcionar um importante movimento na região das minas, principalmente nas artes plásticas. Entre os artistas podemos destacar Antônio Francisco



da Costa Lisboa, o **Aleijadinho**. Filho de mãe africana e pai português, Aleijadinho nasceu em 1730, em Vila Rica, atual Ouro Preto. Como entalhador decorou interiores de igrejas de várias cidades mineiras, principalmente em Vila Rica. Era também excelente escultor, deixando uma série de estátuas que compõem o conjunto

do santuário de Bom Jesus, em Congonhas. O apelido Aleijadinho surgiu em função de uma doença que o degenerou fisicamente. Mesmo assim, não perdeu a capacidade artística.

Os artistas da época tinham como principais fontes gravuras e tratados teóricos de arquitetura e ornamentação importados de Portugal. A Igreja, principal cliente dos arquitetos, talhadores e escultores da época, tinha uma presença importante na vida colonial. Aleijadinho era praticamente autodidata, e destaca-se entre os artistas mineiros, requisitado para inúmeros trabalhos, especialmente nas Igrejas. Formou uma equipe de auxiliares, muitos deles mestiços como ele, incluindo até dois escravos. Sua importância se afirma pelo traço original de sua obra. Tendo como modelo o barroco, o rococó e o maneirismo europeus, ele inova e cria o chamado barroco mineiro.

Aleijadinho nunca saiu do Brasil. Conhecia as obras européias através de gravuras. Não estudou na Europa e nem teve contato com artistas europeus. Isso provavelmente instigou o seu grande poder e capacidade de criação. Misturava estilos e tendências, criava proporções e traços de forma original. O estilo que criou teve vários seguidores e marcou a arquitetura e a escultura nacional, e em particular, a arte mineira.

Além de Aleijadinho, vários artistas plásticos negros se destacaram através dos tempos. Podemos destacar o escultor **Francisco Manoel das Chagas**, o **Cabra**; o cenógrafo, desenhista e caricaturista **Crispim do Amaral**; o pintor **José Teófilo de Jesus**; o pintor **Estevão Roberto da Silva**; o taapeiro **Joaquim Pinto de Oliveira Thebas**; o desenhista, gravador e escultor **José da Paixão**; o artista plástico **Gabriel Joaquim dos Santos**; o entalhador **Agnaldo Manoel dos**

Vários artistas plásticos negros se destacaram através dos tempos: Francisco Manoel das Chagas; Crispim do Amaral; José Teófilo de Jesus; Estevão Roberto da Silva; Joaquim Pinto de Oliveira Thebas, José da Paixão; Gabriel Joaquim dos Santos; Agnaldo Manoel dos Santos e Mestre Valentim, entre tantos outros.

Santos e o escultor **Valentim da Fonseca e Silva**, o **Mestre Valentim**, entre tantos outros.

A partir década de 60 do século XVIII, a produção aurífera decaí. Com a decadência do ouro Portugal aumenta os impostos, ao mesmo tempo que não consegue atender às necessidades básicas da população. As classes médias e populares ficam cada vez mais insatisfeitas. As revoltas crescem em número e radicalidade por todo o Brasil. Dentre as revoltas desse período uma vai se destacar pela participação contundente de negros: **A Conjuração Baiana**.

Salvador era uma cidade em ebulição: os funcionários portugueses querendo explorar cada vez mais a colônia, parte da burguesia sendo influenciada pelos ideais iluministas e liberais, uma grande massa de escravos e pobres clamando por justiça social. Dentro desse quadro, a partir de 1790, membros da elite local, inspirados na Revolução Francesa, começam a reunir e divulgar idéias que vão contra o absolutismo português. Atraídos pelas idéias encampadas por esse movimento, os setores populares começam a participar. Logo, grande número de negros e mestiços tornam-se os principais líderes. E que idéias eram essas?

No dia 12 de agosto de 1798, a cidade amanheceu com panfletos que divulgavam as principais idéias: República, igualdade, fraternidade, liberdade, abolição dos escravos, comércio livre entre todos os povos, um salário mais elevado para os soldados, promoção para os oficiais, colaboração entre as classes, fundação de uma igreja brasileira desligada da Cúria romana, etc. Podemos perceber que essas idéias favoreciam principalmente as classes populares, negros e escravos. Os soldados eram brasileiros pobres, os oficiais de baixa patente também eram, na sua maioria, brasileiros. A igualdade entre os homens e a abolição dos

A partir década de 60 do século XVIII, a produção aurífera decaí. As classes médias e populares ficam cada vez mais insatisfeitas. Dentre as revoltas desse período a Conjuração Baiana se destaca pela participação contundente de negros.

escravos eram reivindicações enfatizadas nos discursos e panfletos, atraindo para o movimento um grande número de negros.

Alguns fatos demonstram a grande participação popular desse movimento:

Através da denúncia de um traidor, o governo conseguiu descobrir o dia, a hora e o local de uma reunião. As forças policiais conseguiram deter 49 pessoas, sendo a grande maioria das camadas populares entre os quais 9 escravos e três mulheres.

A Conjuração Baiana ficou também conhecida como Revolta dos Alfaiates. Era expressivo o número desses profissionais no movimento, juntamente com pedreiros, sapateiros e bordadores, entre outros.

Na lista dos implicados e registrados nos Autos da Devassa encontrase um número significativo de pessoas identificadas como pardos, pardos livres, pardos escravos, escravos, pardos alfaiates, pardos forros.

Apenas quatro brancos foram presos como implicados no movimento. Todos eram intelectuais, e todos conseguiram ser absolvidos.

A Conjuração Baiana foi, sem dúvida, dentre os projetos sociais para o Brasil no período colonial, o mais popularmente radical. Atraía intelectuais, pequenos proprietários e um contingente muito grande de pobres, escravos, mulheres, e ex-escravos. Para a população afro-brasileira a Conjuração Baiana tem que ser colocada no mesmo patamar que Palmares e outros quilombos. Apesar de serem movimentos com origens distintas, já que os quilombos eram organizações paralelas em relação à sociedade açucareira, e a Conjuração Baiana vai propor uma nova ordem para o Brasil em substituição à ordem vigente. Esses dois movimentos vão ter como pontos comuns, a radicalização, as propostas centradas em melhorias para a população negra e a participação do negro como protagonista.

A Conjuração Baiana foi, sem dúvida, dentre os projetos sociais para o Brasil no período colonial, o mais popularmente radical. Atraía intelectuais, pequenos proprietários e um contingente muito grande de pobres, escravos, mulheres, e ex-escravos.

A Revolta dos Alfaiates foi rapidamente sufocada. As propostas do movimento atacavam em cheio a estrutura colonial e, por isso, a repressão tinha que agir de modo rápido. Vários líderes foram presos, e condenados. Uns foram expulsos da Bahia, mandados para a África ou para Fernando de Noronha.

26

O NEGRO E O IMPÉRIO

A Revolta dos Alfaiates foi rapidamente sufocada. As propostas do movimento atacavam em cheio a estrutura colonial e, por isso, a repressão tinha que agir de modo rápido. Vários líderes foram presos, e condenados. Uns foram expulsos da Bahia, mandados para a África ou para Fernando de Noronha. Os escravos foram açoitados e quatro morreram, condenados à pena de morte. Quatro homens negros que simbolizam um movimento que conseguiu relacionar, sem qualquer trauma ou pedido de desculpas, o que para muitos é hoje um bicho de sete cabeças: a luta étnica e a luta de classes.

Foram condenados à morte: o alfaiate **João de Deus Nascimento**, o soldado **Lucas Dantas**, o soldado e o autor dos manifestos colados em lugares públicos **Luís Gonzaga das Virgens** e o aprendiz de alfaiate **Manuel Faustino dos Santos**, que quando interrogado, falou dos objetivos do movimento: reduzir o continente a um governo de igualdade, entrando nele brancos, pardos e pretos, sem distinção de cor, somente de capacidade de governar, saqueando os cofres públicos e reduzindo todos a um só para dele se pagar as tropas e assistir às necessidades do Estado.

Com a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, começa uma nova etapa na história brasileira. O Brasil passa ser a sede do império português. Juntamente com a Família Real chegou ao Brasil toda a nobreza, altos funcionários, oficiais e respectivas famílias. O número de portugueses era superior a dez mil.

A fixação da Corte portuguesa no Brasil dinamizou as atividades da colônia. Essas atividades, além de buscar atender os interesses da Coroa, atendiam também os interesses dos ingleses, principal aliado

dos portugueses e a nação mais poderosa da Europa. Podemos destacar como importantes medidas desse período: abertura dos portos às nações amigas; construção de estradas; revogação da lei que proibia diversas indústrias no Brasil; fundação do Banco do Brasil; promoção da vinda dos colonos europeus; melhoria dos portos; elevação do Brasil a categoria de Reino; etc.

Apesar dessas medidas, a insatisfação em relação à Coroa portuguesa continuava, tendo como eixo de confronto as diferenças sociais e políticas entre portugueses e brasileiros e o estado de exclusão das camadas populares.

Com a volta do rei Dom João VI para Portugal, em 1821, a situação política e econômica se agravou. Os cofres foram esvaziados e o ouro levado para Portugal. Crescia a insatisfação e a hostilidade entre portugueses e brasileiros.

Ao voltar para Portugal o rei deixou aqui seu filho Dom Pedro como príncipe regente do Brasil. Dom Pedro não conseguiu atenuar os conflitos entre portugueses e brasileiros, e três grupos de influência na política brasileira se formaram. Um grupo, de portugueses e brasileiros, apoiava Dom Pedro e queria que o príncipe regente instalasse e chefiasse a monarquia; outro, formado por portugueses, queria que tudo voltasse a ser como antes, ou seja, que o Brasil voltasse à condição de simples colônia de Portugal; um terceiro grupo, formado por brasileiros ligados aos movimentos populares, queria a proclamação da República. O grupo de Dom Pedro saiu vencedor e a 7 de setembro de 1822 foi declarada a Independência do Brasil.

O Primeiro Reinado vai ser marcado pela incapacidade de Dom Pedro conseguir instalar no Brasil um projeto de Estado que satisfizesse

Com a volta do rei Dom João VI para Portugal, em 1821, a situação política e econômica do Brasil se agravou. Os cofres foram esvaziados e o ouro levado para Portugal. Crescia a insatisfação e a hostilidade entre portugueses e brasileiros.

27

os interesses de portugueses e brasileiros. Dom Pedro I governava buscando privilegiar os interesses portugueses, o que gerou uma série de revoltas em todo o país. A oposição ao centralismo de Dom Pedro, e ao seu favorecimento aos portugueses, tem fortes reflexos no norte e no nordeste. Na Bahia, por exemplo, a independência só vai ser conseguida praticamente um ano depois do "Grito do Ipiranga". Após várias batalhas, no dia 2 de julho de 1823, as tropas brasileiras vencem as tropas portuguesas na Bahia. Esta vitória contou com a participação fundamental de negros livres e escravos, que viam no processo de luta pela independência a oportunidade de conquistar maior espaço na sociedade brasileira.

Em Pernambuco existia uma tradição de lutas e conflitos. Em oposição ao poder vigente havia, de um lado, os proprietários rurais, e de outro, os setores médios e populares. As brigadas populares existiam desde 1821 e eram organizadas por pretos, mestiços e militares de baixa patente. Lutavam contra o poder central e contestavam a aristocracia rural. Organizavam constantes revoltas e, numa delas, ocorrida em 1823, conseguiram derrubar o governo de Pernambuco e



A oposição ao centralismo de Dom Pedro, e ao seu favorecimento aos portugueses, tem fortes reflexos no norte e no nordeste. Na Bahia, por exemplo, a independência só vai ser conseguida praticamente um ano depois do "Grito do Ipiranga".

assumiram o poder. Esta revolta foi chefiada pelo mestiço **Pedro Pedroso**, que assumiu também a chefia do governo. Pedro Pedroso e os rebeldes eram radicais no tocante à questão racial. Uma das quadras cantadas pelos rebeldes ficou famosa:

*Marinheiros e caiados,
todos devem se acabar,
porque só pardos e pretos,
o país há de habitar.*



Os marinheiros eram os portugueses e os caiados eram os proprietários rurais. Com todo esse radicalismo o governo de Pedro Pedroso é uma forte ameaça, tanto para os portugueses como para os proprietários rurais brasileiros. Com isso, a frágil aliança contra o Imperador é rompida, e o governo imperial consegue reprimir o governo de Pedro Pedroso, que é preso e enviado para o Rio de Janeiro.

Não conseguindo ter apoio popular e de outros setores importantes, Dom Pedro I renunciou no dia 7 de abril de 1831 a favor de seu filho de cinco anos de idade. Devido a pouca idade do menino o governo brasileiro foi assumido por um conselho de três regentes eleitos pela assembléia legislativa.

No período regencial a cena política continuou conturbada. Várias revoltas eclodiram pelo país. Eram províncias querendo maior autonomia, lutas para a implementação da República, insatisfação de proprietários rurais com o governo regencial, levantes populares, divergências entre portugueses e brasileiros.

No período regencial a cena política continuou conturbada. Várias revoltas eclodiram pelo país. Eram províncias querendo maior autonomia, lutas para a implementação da República, insatisfação de proprietários rurais com o governo regencial, levantes populares, divergências entre portugueses e brasileiros.

A Cabanagem foi um movimento popular marcante. A mais violenta revolta ocorrida no período regencial e a que fez com que populares tomassem efetivamente o poder. Participaram dela as camadas mais pobres da população, principalmente os cabanos (moradores de cabanas), que eram majoritariamente negros, mestiços e índios, e que queriam o fim da escravidão, distribuir terras para o povo e matar os exploradores.

Entre as revoltas da época, podemos destacar a Sabinada (1834-1837 - Bahia); a Guerra dos Farrapos (1835-1845 - Sul do país); a Cabanagem (1835-1840 - Pará); e a Balaiada (1838-1841 - Maranhão).

A Sabinada não foi um levante popular. Na guerra dos Farrapos, apesar do movimento rebelde ser liderado por ricos estanceiros preocupados com seus interesses, há uma aliança entre os estanceiros e os negros escravos. Por conta da participação do negro nos combates, quando os rebeldes dominam o sul do país, libertam os escravos. Uma das razões que explicam esse procedimento é o fato da economia sulina ser pastoril e extrativa, usando o trabalho escravo em quantidade bem inferior aos engenhos de açúcar nordestinos. Além disso, o exército farroupilha necessitava, cada vez mais, de um número maior de homens para lutar contra as forças regenciais que apertavam o cerco. Estimular a participação de negros tornou-se então fundamental.

A Cabanagem foi um movimento marcante. Uma grande revolta popular. A mais violenta revolta ocorrida no período regencial e a que fez com que populares tomassem efetivamente o poder. Nessa revolta participaram as camadas mais pobres da população, principalmente os cabanos (moradores de cabanas), que eram majoritariamente negros, mestiços e índios. Os cabanos queriam o fim da escravidão, distribuir terras para o povo e matar os exploradores. Em 1835, os cabanos ocuparam Belém e empossaram três presidentes rebeldes no Pará. Em 1840, depois de muitas batalhas, os cabanos foram derrotados.

A Balaiada foi um movimento de caráter popular que unia escravos, sertanejos, trabalhadores urbanos e a classe média contra os grandes proprietários maranhenses. Descontentes com a situação de miséria que atingia a maior parte da população maranhense, os populares se

voltaram contra os proprietários rurais que controlavam o poder local e contra os funcionários portugueses. A Balaiada ganhou esse nome porque um dos seus líderes, **Manuel dos Anjos Ferreira**, fazia balaaios. Os revoltosos conseguiram conquistar a cidade de Caxias. No final dos confrontos a classe média abandona o movimento e passa a apoiar as tropas governamentais.

Na Balaiada e na Cabanagem a participação de negros foi importante não só em termos numéricos como também em termos de liderança. Na Balaiada por exemplo, dois dos seus líderes negros vão ter importância fundamental: **Raimundo Gomes e Cosme Bento das Chagas**.

Raimundo Gomes, conhecido como "Cara Preta", é um vaqueiro que lidera o primeiro conflito contra os fazendeiros conservadores. Sua liderança se destaca principalmente nos conflitos do sertão maranhense. Cosme Bento dos Santos, um ex-escravo, liderou cerca de três mil escravos fugitivos e, com eles, formou um quilombo.

Quando os últimos balaaios foram derrotados, em 1841, Raimundo Gomes entregou-se, foi exilado para São Paulo e morreu no meio do caminho. Já Cosme não se entregou. Foi caçado, preso e enforcado.

Um dos movimentos escravocratas mais famosos ficou conhecido como a Revolta dos Malês, e ocorreu em 1835, na cidade de Salvador.



Na Balaiada e na Cabanagem a participação de negros foi importante não só em termos numéricos como também em termos de liderança. Na Balaiada por exemplo, dois dos seus líderes negros vão ter importância fundamental: Raimundo Gomes e Cosme Bento das Chagas.

Os malês eram escravos islamizados que lideraram um movimento de escravos africanos. Este movimento pretendia que os africanos na Bahia assumissem o poder. A insurreição foi planejada em reuniões secretas e os conspiradores chegaram a criar um clube, também secreto, onde se reuniam regularmente. Receberam apoio dos escravos dos engenhos e criaram um fundo de despesas com o qual desenvolveram um plano militar que nem chegou a ser executado. O plano foi delatado e o movimento reprimido depois de horas de combate. Uma das principais organizadoras da Revolta dos Malês foi **Luiza Mahim**. Nascida na África, Luiza Mahim teve um papel importante para o movimento, demonstrando liderança e inteligência. Quando o movimento foi reprimido conseguiu fugir para o Rio de Janeiro, onde também participou de revoltas. Provavelmente foi deportada para a África. Foram líderes na Revolta dos Malês: **Agostinho, Ambrósio, Cornélio, Engrácia, Gaspar, Higino e José Saraiva**, entre outros.

Os negros no Brasil continuaram a exercer a sua espiritualidade, cultuando os seus deuses por todo o período da escravidão até os dias atuais. Essa prática deu origem às religiões afro-brasileiras: candomblé, xangô, Casa Mina, batuque e umbanda, entre outras. Além do caráter religioso esses cultos são importantes depositários da cultura negra. Entre os muitos exemplos que temos da importância das religiões afro-brasileiras podemos citar os terreiros de candomblé da nação Kêtu. A primeira casa de grande porte surgiu na primeira metade do século XIX, na Bahia, organizada por antigas escravas libertas. Começou a funcionar no centro de Salvador, na Barroquinha, com a denominação de Iyá Omi Asè Aira Intilé e depois passou a funcionar no subúrbio, no

Uma das principais organizadoras da Revolta dos Malês foi Luiza Mahim. Nascida na África, ela teve um papel importante para o movimento, demonstrando liderança e inteligência.

Engenho Velho. Na época, passou a ser denominada de Ilê Axé Iyá Nassô Oká, e está lá até hoje. Suas fundadoras foram: **Iyalode Erelu, Axipá Borogun Elése Kan Gongo Obatosi e Iyá-Nasó Oyo Akala Magbo Olodumare Axe Da Ade Ta**. O Ilê Iya Nassô Oká, também conhecido como Casa Branca, deu origem a duas outras casas tradicionais: o Ilê Oxóssi, no Gantois, fundado pela ialorixá **Júlia Maria da Conceição Nazaré** e o Ilê Axé Opó Afonjá, em São Gonçalo do Retiro, fundado pela ialorixá **Aninha de Xangô** (Eugênia Ana dos Santos).

O Segundo Reinado vai ser o período mais longo do Império. Podemos dividi-lo em três partes: de 1840 a 1850: marcado por lutas civis e pacificação interna; de 1850 a 1870: lutas externas, envolvendo Uruguai, Argentina e Paraguai; de 1870 a 1889: movimentos abolicionista e republicano.

Vão ser características gerais do segundo reinado o poder centralizado pelo imperador, a afirmação do café como principal produto brasileiro, a consolidação da influência da Inglaterra nas questões internas. A influência inglesa se firma principalmente a partir da Guerra do Paraguai (1865-1870). Para cobrir as despesas da guerra, o Brasil recorreu a empréstimos ingleses. Nesta guerra se utilizou um contingente imenso de negros à frente das batalhas. Aos escravos era prometida a alforria. Muitos negros morreram. E, apesar de toda discriminação, a participação do negro na Guerra do Paraguai foi tão importante para o Brasil que alguns deles chegaram até a voltar das batalhas como heróis.

Dentre os heróis negros da Guerra do Paraguai podemos destacar: Cesário Alves da Costa, que demonstrou tanta bravura na tomada do Forte Curuzu que foi promovido a sargento, fato raro no sistema escravocrata. Outro negro promovido foi Antonio Francisco de Melo, da Marinha. Melo se destacou tanto na batalha do Riachuelo, e em outras

Dentre os heróis negros da Guerra do Paraguai podemos destacar: Cesário Alves da Costa, que demonstrou tanta bravura na tomada do Forte Curuzu que foi promovido a sargento, fato raro no sistema escravocrata. Outro negro promovido foi Antonio Francisco de Melo, da Marinha. Melo se destacou tanto na batalha do Riachuelo, e em outras batalhas, que começou a guerra como cadete, passou a sargento e chegou a capitão.

As conseqüências da Guerra do Paraguai foram desastrosas para os negros. Milhares de negros morreram. Os que continuaram no exército e marinha sofreram fortes discriminações. Os que tentaram a sorte nas cidades, como trabalhadores livres, encontraram no preconceito a principal dificuldade para se estabelecerem.

batalhas, que começou a guerra como cadete, passou a sargento e chegou a capitão. Seu batalhão era todo formado por negros. Quando chegou a capitão, foi afastado do comando das batalhas. **Marcílio Dias** também ficou famoso por sua bravura. Foi ferido e morto na batalha do Riachuelo.

Alguns casos chegaram ao terreno do lendário e mitológico. Um deles fala de um negro chamado **Jesus** que executou o toque de avançar com sua corneta presa apenas entre os lábios, pois estava com os braços mutilados.

As conseqüências da Guerra do Paraguai foram desastrosas para os negros. Morreram milhares de negros. Os que continuaram no exército e marinha sofreram fortes discriminações. Os que tentaram a sorte nas cidades, como trabalhadores livres, encontraram no preconceito a principal dificuldade para se estabelecerem.

No decorrer do século XIX crescem as campanhas abolicionistas. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós proíbe o tráfico de escravos. Em 1871 a Lei do Ventre Livre declara livres os filhos de mulher escrava que nascessem a partir daquela data. Em 1885, a Lei dos Sexagenários concede a liberdade aos escravos com mais de 60 anos. Apesar de escravos continuarem a chegar ao Brasil através de contrabando, e da Lei Sexagenária praticamente não funcionar porque um escravo raramente completava 60 anos, há uma queda vertiginosa na entrada de escravos no país a partir de 1850 e aumenta gradativamente o número de negros livres.

Essas leis são frutos de uma forte pressão abolicionista. São negros, mestiços, ex-escravos sensíveis e solidários aos escravos. São intelectuais que tinham como referencial as doutrinas liberais e evolucionistas e o exemplo internacional (desde 1865, Brasil e Cuba são os únicos países a manter a escravidão na América). São, ainda, industriais e grandes comerciantes que consideravam mais vantajoso o trabalho assalariado.

É a Inglaterra querendo aumentar a mão-de-obra assalariada no Brasil para vender seus produtos.

Assim podemos enquadrar a abolição dos escravos tendo como ponto de partida três princípios: as revoltas e rebeliões negras, que marcaram todo o período escravocrata; fatores sócio-econômicos que forçavam a troca do trabalho escravo pelo trabalho assalariado; e, por fim, as campanhas abolicionistas. Essas campanhas foram de duas ordens: existia uma corrente moderada que queria que a abolição acontecesse através do debate parlamentar; e uma corrente radical que defendia a abolição mesmo que através da insurreição popular e escrava.

Entre os abolicionistas negros podemos destacar: **José do Patrocínio, Luís Gama, André Rebouças, Cruz e Souza.**

Filho de uma negra quitandeira com um padre, José do Patrocínio era um dos principais representantes da linha moderada do abolicionismo. Escritor e jornalista, ficou conhecido pelo seu grande poder de oratória. Era chamado de o "Tigre da Abolição". Patrocínio era adepto do isabelismo, ou seja, acreditava que o fim da escravidão se deu devido a um grande ato de bondade da princesa e que a monarquia tinha que ser preservada. Em defesa da monarquia, Patrocínio vai arregimentar negros para criar a Guarda Negra. Esse batalhão tinha como objetivo impedir a propaganda republicana mesmo que fosse necessário o uso da força.

Apesar de Patrocínio ter depois aderido à República e ter proposto a criação de um partido negro no Brasil, sua imagem sempre foi ligada a sua imensa gratidão à Princesa Isabel. Isso fez fortalecer a visão da princesa Redentora em detrimento a uma visão que perceba os verdadeiros motivos da abolição.

A abolição dos escravos teve como ponto de partida três princípios: as revoltas e rebeliões negras, que marcaram todo o período escravocrata; fatores sócio-econômicos que forçavam a troca do trabalho escravo pelo trabalho assalariado; e, por fim, as campanhas abolicionistas.

Sendo um dos mais importantes poetas brasileiros, João da Cruz e Souza foi figura de destaque contra a escravidão. Filho de ex-escravos, nasceu em Santa Catarina e sofreu muito preconceito racial. Como militante abolicionista editou o jornal "O Moleque". Os temas de suas poesias voltavam-se freqüentemente para os marginalizados e miseráveis, em particular os negros.

36

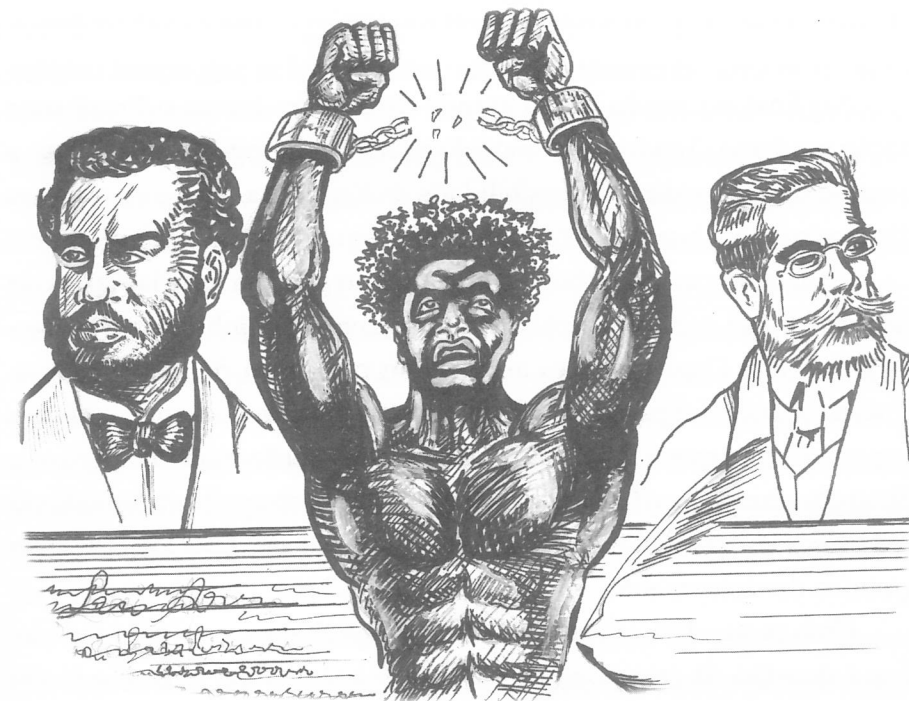
Outro abolicionista de destaque era André Rebouças. Um dos maiores engenheiros do século XIX (outro importante engenheiro negro da época era o baiano **Teodoro Sampaio**), Rebouças foi um participante ativo da campanha abolicionista. Sua biografia inclui cursos na Inglaterra e projetos como a construção da estrada de ferro que liga Curitiba ao porto de Paranaguá. Projetou também um torpedo usado pela Marinha durante a Guerra do Paraguai e foi responsável por diversas obras por todo o Brasil. Apesar de ser um defensor ardoroso da abolição e de ter consciência de sua origem africana, Rebouças seguia a linha dos abolicionistas moderados, fato esse que talvez se explique por ter sido criado na Corte.

Sendo um dos mais importantes poetas brasileiros, João da Cruz e Souza foi figura de destaque contra a escravidão. Filho de ex-escravos, nasceu em Santa Catarina e sofreu muito preconceito racial. Como militante abolicionista editou o jornal "O Moleque". Os temas de suas poesias voltavam-se freqüentemente para os marginalizados e miseráveis, em particular os negros. Cruz e Souza foi apelidado de "Dante Negro" e seu trabalho é um marco na literatura brasileira.

Principal representante da corrente radical, Luís Gama constitui um dos mais legítimos símbolos de luta contra o racismo. Nasceu na Bahia, em 1830, filho de Luiza Mahin. Ainda menino, foi vendido a um rico escravocrata de São Paulo pelo seu pai branco. Com dezessete anos, consegue fugir. Foi tipógrafo, soldado, escrivão de polícia e jornalista. Depois de muito esforço, conseguiu ser advogado. Como brilhante orador, jornalista e advogado, se entregou ao combate sem tréguas contra a escravidão. Fazia questão de assumir radicalmente a sua condição de negro. Morreu seis anos antes da assinatura da Lei Áurea.

Um dos episódios que fortaleceram as campanhas abolicionistas ocorreu no Ceará, um dos grandes centros abastecedores de escravos para o sul do Brasil. A partir de 1881, jangadeiros liderados pelo jangadeiro negro **Francisco do Nascimento**, o "Dragão do Mar", começaram a boicotar o transporte de escravos do cais para as províncias do sul. Esse boicote fez precipitar a abolição dos escravos no Ceará, que ocorreu em 1884. Francisco do Nascimento passou a ser cultuado como herói por toda a imprensa abolicionista.

No final do século XIX e início do XX, tivemos outros personagens negros que marcaram o pensamento brasileiro. Podemos citar: **Tobias Barreto**, jurista, poeta e filósofo; os filósofos **Tito Lívio de Castro e Farias**



Jangadeiros liderados por **Francisco do Nascimento** – um jangadeiro negro conhecido como "Dragão do Mar" – começaram a boicotar o transporte de escravos do cais para as províncias do sul. Esse boicote fez precipitar a abolição dos escravos no Ceará, que ocorreu em 1884. Francisco do Nascimento passou a ser cultuado como herói por toda a imprensa abolicionista.

37

No final do século XIX e início do XX, outros personagens negros marcaram o pensamento brasileiro, como: Tobias Barreto, jurista, poeta e filósofo; os filósofos Tito Lívio de Castro e Farias Brito; o romancista Teixeira e Souza; a poetisa Auta de Souza; o psiquiatra Julianio Moreira; o teólogo e poeta Dom Silvério Gomes Pimenta, a romancista Maria Firma dos Reis e Machado de Assis, entre outros.

38

O NEGRO NO PERÍODO PÓS ABOLIÇÃO

Brito; o romancista **Teixeira e Souza;** a poetisa **Auta de Souza;** o psiquiatra **Juliano Moreira;** o teólogo e poeta **Dom Silvério Gomes Pimenta,** a romancista **Maria Firma dos Reis e Machado de Assis,** entre outros.

José Maria Machado de Assis nasceu em 1839, no morro do Livramento, periferia da cidade do Rio de Janeiro. É considerado o maior escritor brasileiro do século XIX e um dos maiores de todos os tempos. Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Publicou vários romances, contos e crônicas. Apesar de mestiço, não se percebe em Machado de Assis a defesa da causa negra, e até mesmo a sua condição de mestiço ele parece não assumir. José do Patrocínio afirma: *Ele odeia sua própria raça! Rebelar-se contra sua cor!*

No final do século XIX o grande desafio era tornar o Brasil uma nação moderna. Tendo como modelo as nações européias, discutia-se a questão da escravidão e a possibilidade da República. Mas o eixo dessas discussões era a busca dos caminhos para se criar uma nação moderna.

Com a escravidão abolida oficialmente, com a proclamação da República, será que está aberto definitivamente o caminho para a modernidade? Não. Duas questões ainda eram colocados como problemas. Uma aos poucos foi perdendo importância. Era a questão do meio. Alguns argumentavam que o Brasil não podia ser uma nação moderna porque o clima dominante era o tropical, e esse clima quente atrapalhava o equilíbrio das pessoas e o uso e desenvolvimento da inteligência. Essa idéia não tem grandes desdobramentos.

Uma outra idéia se constitui como um problema a ser solucionado. Era a questão da raça. Como uma nação com tantos negros e já tão

miscigenada poderia ser uma nação moderna visto que os negros eram considerados inferiores?

A primeira tentativa para acabar com esse problema é o embranquecimento. E aqui falamos de embranquecimento de pele. Surgem as campanhas de imigração européia e emigração de negros de



volta para a África, além de estudos que defendem uma miscigenação coordenada e científica para que o Brasil se torne um país de brancos. Ao mesmo tempo que se buscava esse embranquecimento, uma outra arma contra os negros era utilizada: o isolamento. Esse isolamento não era só geográfico (favelas, bairros pobres, etc.) mas também se dava nos empregos, nos postos militares, nas religiões, no sistema educacional.

Em meio a essa tentativa de embranquecer o Brasil para viabilizar a modernização do país, vários mestiços que conseguiram ascender socialmente, tornando-se médicos, engenheiros, intelectuais, ou tendo outra profissão renomada, se esquivavam da problemática racial e, muitas vezes, negavam sua origem africana e sua condição mestiça ou negra. O caso mais expressivo dessa atitude é Machado de Assis, já aqui citado. Em sentido diametralmente oposto ao de Machado, no que diz respeito ao posicionamento frente à problemática racial, encontramos **Lima Barreto.**

No dia 13 de maio de 1881 nascia, no Rio de Janeiro, Afonso Henriques de Lima Barreto. Era filho de pais mestiços e pobres e teve

Em meio a essa tentativa de embranquecer o Brasil para viabilizar a modernização do país, vários mestiços que conseguiram ascender socialmente, tornando-se médicos, engenheiros, intelectuais, ou tendo outra profissão renomada, se esquivavam da problemática racial e, muitas vezes, negavam sua origem africana e sua condição mestiça ou negra. O caso mais expressivo dessa atitude é do escritor Machado de Assis.

39

Na literatura, Lima Barreto ficou famoso pelo seu realismo e por suas posições em relação ao que acontecia na sociedade carioca no início do século, sempre preocupado com os marginalizados e com os negros e mestiços em particular. Acabou sofrendo a discriminação das elites literárias que consideravam seu estilo coloquial e simples demais. Na verdade, a marginalização de Lima Barreto se deu pelo fato dele — através de uma visão crítica e uma linguagem direta — ir contra a visão de um Rio de Janeiro para as elites, que dominava os círculos literários e políticos.

uma vida bastante atribulada. Sua mãe morreu quando tinha seis anos. Viu o pai ser atacado pela loucura. Tendo que trabalhar, não pôde completar o curso de engenharia, para o qual foi aprovado em 1897. Foi copista da Secretaria de Guerra, cargo que ocupou até se aposentar em 1918. Mas sua atividade principal foi sempre a imprensa, na qual colaborou a vida toda.

Na literatura, ficou famoso pelo seu realismo e por suas posições em relação ao que vinha acontecendo na sociedade carioca no início do século, sempre preocupado com os marginalizados de forma geral e como os negros e mestiços em particular. Lima Barreto acabou sofrendo a discriminação das elites literárias que consideravam seu estilo coloquial e simples demais. Na verdade, a marginalização de Lima Barreto se deu pelo fato dele — através de uma visão crítica e uma linguagem direta — ir contra a visão de um Rio de Janeiro para as elites, que dominava os círculos literários e políticos.

Lima Barreto escreveu romances, crônicas e contos. Marcado pela bebida, foi internado duas vezes no Hospício Nacional e faleceu no dia 1º de novembro de 1922. Ainda jovem, em uma de suas anotações, em 1903, Lima Barreto fala que tinha como projeto literário escrever, no futuro, a história da escravidão no Brasil e sua influência na nacionalidade.

No início do século no XX, o Brasil vivia um momento social agitado. As camadas populares se confrontavam com a República oligárquica, com a República das elites. A capoeira é considerada crime e os capoeiras são perseguidos e presos. (Temos como destaque na capoeira **Mestre Pastinha, Mestre Bimba, Manduca da Praia e Besourinho Cordão de Ouro**, entre outros). Nesse período, surgem movimentos populares de várias matizes: o cangaço, as romarias de Padre Cícero, a Guerra dos



Canudos e o Contestado, entre outros. Todos tiveram em comum a insatisfação popular em relação a ordem vigente e a origem popular da maioria de seus participantes. O número de negros era expressivo nesses movimentos. Destacaremos aqui dois, que além de representarem a revolta da população pobre em geral, demonstram bem a luta e a dificuldade que os negros tinham nos períodos imediatamente pós abolicionista e pós proclamação da República.

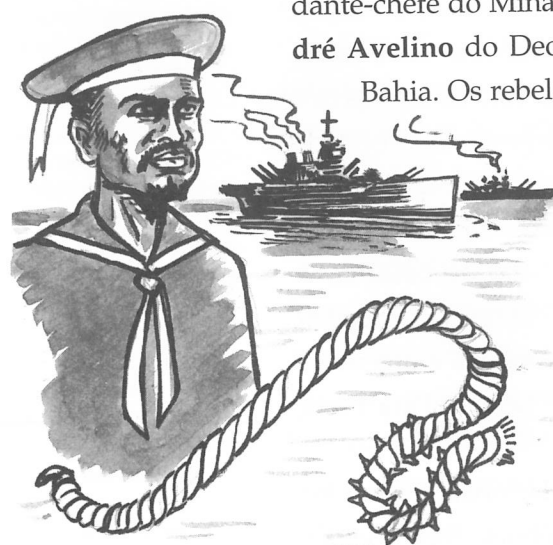
Revolta da Vacina: em 1904, o diretor da Saúde Pública do Rio de Janeiro, Dr. Osvaldo Cruz, decreta obrigatoriedade a vacina contra a varíola. A população mais pobre se sentia violentada pelos vacinadores e considerava a vacinação das mulheres um despudor. Esse fato só reforçava o grande descontentamento da população pobre com o governo. O período era de carestia, de desemprego, de falta de democracia, de expulsão das pessoas mais pobres do centro do Rio de Janeiro. Assim, em novembro de 1904, o Rio de Janeiro se transforma em um campo de batalha. A população apedrejou, saqueou, espancou policiais e outras autoridades, invadiu quartéis, construiu barricadas, incendiou bondes e atacou os vacinadores. Os líderes da revolta eram mestiços e negros: **Pata Preta, João Capoeira, Beijo de Prata, Manduca**, etc.

A Revolta da Chibata: os castigos corporais na Marinha, que haviam sido abolidos um dia após a Proclamação da República, foram legali-

A Revolta da Vacina, em 1904, além de representar a revolta da população pobre em geral, demonstrou bem a luta e a dificuldade que os negros tinham nos períodos imediatamente pós abolicionista e pós proclamação da República.

Os mais importantes navios da Marinha de Guerra nacional estavam aportados no Rio de Janeiro quando, no dia 22 de novembro de 1910, o marinheiro negro **Marcelino** recebeu 250 chibatadas na frente de toda a tripulação no navio Minas Gerais. Foi a gota d'água para a eclosão de um movimento que já vinha sendo articulado pelos marinheiros e que ficou conhecido como a Revolta da Chibata.

42



zados um ano depois. Para as penas mais graves a lei autorizava 25 chibatadas. As chibatadas superavam muitas vezes, e em muito, o número de 25. Aliados a esse castigo, os baixos salários e a discriminação sofrida pelos marinheiros, na sua grande maioria negros, incentivavam um clima de bastante tensão. O fim da escravidão atingiu de forma bastante parcial a cabeça e as práticas dos oficiais da marinha. Os mais importantes navios da Marinha de Guerra nacional estavam aportados no Rio de Janeiro quando, no dia 22 de novembro de 1910, o marinheiro negro **Marcelino** recebeu 250 chibatadas na frente de toda a tripulação no navio Minas Gerais. Foi a gota d'água para a eclosão de um movimento que já vinha sendo articulado pelos marinheiros, que liderados por **João Cândido** se rebelaram. Rapidamente tomaram conta dos navios, prendendo e expulsando oficiais e matando alguns que tentavam, através das armas, resistir. Assim **João Cândido** passou a ser o comandante-chefe do Minas Gerais, **Gregório Nascimento** do São Paulo, **André Avelino** do Deodoro e **Ricardo Dias Martins**, o Mão Negra, do Bahia. Os rebeldes reivindicavam o fim dos maus tratos impostos pelos oficiais aos marujos, melhoria na alimentação e anistia aos rebeldes. Caso não fossem atendidos ameaçavam bombardear a cidade.

Mediante tal pressão, o presidente Hermes da Fonseca cedeu: aboliu os castigos físicos e concedeu anistia aos revoltosos. No dia 26 de novembro, os rebeldes entregaram as armas e devolveram os navios ao comando de oficiais. A alegria durou pouco. Dois dias depois o marechal Hermes da Fonseca baixou um

decreto expulsando da Marinha por atos de indisciplina os participantes da Revolta da Chibata. No dia 4 de dezembro, 22 marinheiros foram presos. No dia 9 do mesmo mês o governo decretou estado de sítio, prendeu mais algumas centenas deles e expulsou muitos da Marinha. Dezesseis revoltosos morreram por sede, calor e sufocamento nas celas subterrâneas da Ilha das Cobras e nove foram fuzilados durante a viagem que conduzia 105 deles desterrados para a Amazônia. João Cândido sobreviveu à Ilha das Cobras e foi internado no Hospital dos Alienados. Todos foram absolvidos em novembro de 1912.

Após a absolvição, João Cândido teve uma vida difícil. Trabalhou até os 70 anos na pesada estiva do mercado da Praça XV. Nos primeiros tempos do Governo João Goulart lhe foi concedida uma pensão, mais tarde anulada pelo governo militar. Morreu octogenário a 6 de dezembro de 1969. Mas seu exemplo continua vivo.

A Revolta da Chibata foi uma das principais lutas sociais da República Velha. Marinheiros negros conseguiram desafiar o poder das elites e dos oficiais da marinha. Foram cinco dias que abalaram a República! Com os canhões virados para a cidade do Rio de Janeiro, a Capital Federal, os poderosos sentiram medo. Existiam dois "Brasis": de um lado, as oligarquias cafeeiras, os plantadores de cacau, os oficiais militares, os exploradores da borracha, os pecuaristas; de outro lado, os marinheiros, os trabalhadores do campo, os operários, os desempregados e sub-empregados. O Brasil da opulência e da riqueza e o Brasil da miséria. Neste quadro, a Revolta da Chibata representou um grito dos excluídos contra a opressão. Com 70% da população brasileira vivendo no campo e com um movimento operário fraco, o movimento dos marinheiros desafiou sozinho o poder constituído. João Cândido, o "Almirante Negro", e seus

A Revolta da Chibata foi uma das principais lutas sociais da República Velha. Marinheiros negros conseguiram desafiar o poder das elites e dos oficiais da marinha. Foram cinco dias que abalaram a República! Com os canhões virados para a cidade do Rio de Janeiro, a Capital Federal, os poderosos sentiram medo.

43

A Revolta da Chibata é um dos movimentos mais importantes na história do Brasil e na história do negro brasileiro. É demonstração de coragem, força, organização.

companheiros, naquele momento histórico, incorporaram não só a sua luta particular, mas a luta do negro no Brasil.

Por tudo que representou e representa, a Revolta da Chibata é um dos movimentos mais importantes na história do Brasil e na história do negro brasileiro. É demonstração de coragem, força, organização.

Fiquemos com as palavras de Dias Marins o "Mão negra": "*Chega! Somos brasileiros livres, não somos ladrões e não queremos mais apanhar.*"

Os anos passavam e uma questão ainda estava sem solução: como ser uma nação moderna com tantos negros e mestiços? A tentativa de embranquecimento de pele, com o passar dos tempos, vai se mostrando ineficaz. É possível que alguns negros e mestiços emergentes se passem por branco, mas a realidade é que o número de negros pobres é muito grande e, para desespero das elites, não tem imigração de brancos, seguida de miscigenação, que acabe com esse "problema". A visão do negro inferior já se encontrava introjetada na sociedade, pois foram três séculos de escravidão onde a principal justificativa para que um homem pudesse escravizar outro homem era a superioridade de um em relação ao outro. Um era humano e o outro sub-humano.

Neste contexto surge, na década de 30, uma teoria que pode resolver problema tão difícil. É a democracia racial. Essa teoria terá como principal mentor Gilberto Freyre, e como principal referência bibliográfica a sua obra "Casa Grande e Senzala". Freyre argumenta que a colonização portuguesa, em relação a outras práticas de escravidão, foi uma colonização que, a grosso modo, não maltratou tanto o negro. E quando isso acontecia, as punições eram justas. Nasce assim, a teoria da harmonia entre negros e brancos. O que antes era o defeito do Brasil — o grande número de negros e o alto grau de miscigenação —, passou a

ser qualidade. O Brasil era um país formado a partir da contribuição dos negros, dos brancos e dos índios, e essas três raças viviam de forma harmônica. Não havia discriminação no país. Do cruzamento das três raças surgia o "brasileiro". Resultado: não fazia mais sentido discutir sobre questões raciais já que o "brasileiro" sintetizava, de forma harmoniosa, as contribuições raciais. Essa visão de "paraíso racial" parecia perfeita quando comparada a outras realidades, principalmente a norte-americana, onde as fronteiras raciais se desenhavam com mais nitidez.

A democracia racial foi logo disseminada. Outras visões surgiram reformulando ou contestando a democracia racial. Mas o fato é que a visão de um país racialmente democrático é a que reina até hoje entre a maioria da população brasileira.

Tudo estaria bem se realmente essa democracia existisse. Vários indícios podem contestar a democracia racial. Aqui apontaremos quatro:

A visão de uma escravidão mais "humana" e menos repressiva não condiz com a realidade. Várias passagens da história do Brasil demonstram como os portugueses aplicavam castigos desumanos aos escravos, obrigando-os a trabalhar de sol a sol, além de viverem nas piores condições de higiene e alimentação. Sem contar com a violência sexual em relação às escravas. Mas ainda, a instituição escravidão em si já é uma violência, independente do grau como essa violência é exercida.

Atribuiu-se à contribuição das três raças a formação da nacionalidade, dando ao branco o papel central dessa formação. Os valores morais, religiosos, políticos e sociais vinham da Europa. Coube ao branco contribuir com a razão. Ao negro e ao índio couberam pequenas contribuições no campo da emoção, do folclore e do exótico. Pode-se dizer que a democracia racial coloca o branco no centro e o índio e o negro na periferia.

A teoria da democracia racial teve como principal mentor Gilberto Freyre, e como principal referência bibliográfica a sua obra "Casa Grande e Senzala". Freyre argumenta que a colonização portuguesa, em relação a outras práticas de escravidão, foi uma colonização que, a grosso modo, não maltratou tanto o negro.



Talvez não exista nada que conteste com maior eficiência a democracia racial do que a própria situação do negro brasileiro, passados mais de cem anos de abolição. Se a explicação não é biológica, só pode ser fruto de um processo de preconceitos e discriminações raciais. São processos que por si só desmentem a democracia racial.

A partir da repartição de valores entre as três raças, as imagens positivas cabiam ao branco: beleza, inteligência, cultura superior, etc. Ao negro (e ao índio) coube o lugar da feiura, da burrice, do folclórico, do exótico, da inferioridade. Isso, sem dúvida, até hoje dificulta a formação sócio-psicológica dos negros, pois deixa de introjetar nas crianças negras a auto-estima tão necessária à formação de qualquer pessoa.

Talvez não exista nada que conteste com maior eficiência a democracia racial do que a própria situação do negro brasileiro, passados mais de cem anos de abolição. A maioria dos negros está nos extratos mais baixos da sociedade. São meninos de rua. São os que abandonam com maior frequência as escolas. São os que não conseguem uma boa colocação profissional, etc. Se a explicação não é biológica, só pode ser fruto de um processo de preconceitos e discriminações raciais. São processos que por si só desmentem a democracia racial.

Esses 4 pontos estão interligados a outros e, mesmo vistos de forma superficial, demonstram a crueldade da democracia racial no Brasil. Essa linha de pensamento conseguiu criar a imagem de que não existe discriminação racial em nosso país. Se existe, são casos isolados, atos de exceção, sem qualquer relação com estruturas racistas ou uma sociedade racista. As diferenças existentes entre brancos e negros são remediadas a um passado escravista ou a aspectos de opressão contra os pobres em geral, quase nunca a mecanismos sociais de discriminação racial. Assim, o racismo contamina toda a sociedade sem que muitas pessoas dessa sociedade, negros e brancos, percebam. Muitas vezes, quem combate o racismo é que é visto como racista.

Algumas pessoas e movimentos, mesmo com o advento da teoria da democracia racial, perceberam o processo de discriminação contra o negro no Brasil e lutaram contra ele. As lutas dessas pessoas contribuíram e contribuem para a percepção dos mecanismos de discriminação e para a criação de práticas que combatam o racismo.

Nesse sentido, pode-se destacar o papel de uma imprensa negra em São Paulo, que teve uma atuação sistemática criando e mantendo jornais sobre questão racial de 1915 a 1963. Dentre os vários militantes importantes desse período podemos destacar o jornalista **José Correia Leite**.

Em 1929, Correia Leite e outros jornalistas fundaram o "Clarim da Alvorada", de grande importância para a organização política dos negros paulistas. A imprensa negra paulista precedeu um dos maiores movimentos políticos da década de 30: a *Frente Negra Brasileira*. Fundada em 1931, a Frente chegou a reunir 6 mil filiados e criou uma milícia frente-negrina, organização paramilitar, que em 1936 entra com pedido na Justiça Eleitoral para se transformar em partido político. O pedido foi aceito, mas quando Getúlio Vargas deu o golpe de Estado, em 1937, dissolveu todos os partidos, inclusive a Frente Negra Brasileira. Em 1938, as divergências internas se acirravam e a Frente Negra chega ao fim.

A Frente Negra buscou ser uma organização política onde os negros poderiam se articular para combater a discriminação. Criou núcleos em vários estados do Brasil, e apesar de ideologicamente seus participantes tenderem para diversas correntes, a Frente foi, sem dúvida, um marco para o movimento negro brasileiro. Seus principais líderes, além de José Correia Leite, eram **Francisco Lucrecio**, **Raul Joviano do Amaral**, **Arlindo Veiga dos Santos**, **Isaltino Vieira dos Santos**, **Gervásio Moraes** e **Roque Antonio dos Santos**.

A imprensa negra paulista precedeu um dos maiores movimentos políticos da década de 30: a Frente Negra Brasileira. Fundada em 1931, a Frente chegou a reunir 6 mil filiados e criou uma milícia frente-negrina, organização paramilitar, que em 1936 entra com pedido na Justiça Eleitoral para se transformar em partido político. O pedido foi aceito, mas quando Getúlio Vargas deu o golpe de Estado, em 1937, dissolveu todos os partidos, inclusive a Frente Negra Brasileira.

O melhor jogador de futebol de todos os tempos e o "Atleta do Século", Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, se tornou um dos maiores ídolos do Brasil e seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo. Porém, acabou também se tornando motivo de críticas por grande parte do movimento negro pelo fato de não ter se envolvido, pelo menos de forma contundente, em lutas anti-raciais.

A literatura continuou sendo um foco de combate ao racismo. Seguindo a tradição de Luís Gama, Cruz e Souza e Lima Barreto, entre outros, vários escritores utilizavam o seu talento e a sua arte em prol da defesa da cidadania da população negra. Podemos destacar **Lino Guedes**, **Solano Trindade** e **Carolina Maria de Jesus**. Lino Guedes nasceu em 1897 em Socorro, São Paulo. Era descendente de escravos. Usando uma linguagem direta em suas poesias, Guedes falava que para o negro possuir senso de solidariedade racial não podia esquecer de quem o fizera sofrer. Achava que manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras levavam os negros a esquecer a origem do seu sofrimento. Lino Guedes morreu em São Paulo, em 1951.

Outro importante poeta negro foi Solano Trindade. Nasceu em Recife, em 1908. Através de sua poesia ia contra todos os tipos de opressão, mas a opressão sofrida pelos negros vai ocupar um lugar de destaque em sua obra. Diferentemente de Lino Guedes, Solano Trindade via nas manifestações culturais negras, como o samba e as manifestações religiosas afro-brasileiras, elementos importantes para a formação da identidade étnica e para a luta contra o racismo. Solano Trindade morreu em 19 de fevereiro de 1974.

Autora do livro "Quarto de Despejo", com mais de 7 edições, a escritora Carolina Maria de Jesus relata, em linguagem simples e poética, a dura luta da mulher negra na favela. Conhecia bem essa realidade, pois morava na favela do Canindé, em São Paulo. Carolina morreu em 1977, aos 61 anos.

No campo do esporte os negros sempre tiveram uma participação destacada. Sem dúvida, o maior exemplo disso é o de **Edson Arantes do Nascimento**, o **Pelé**. Considerado o melhor jogador de futebol de todos os tempos e o "Atleta do Século", Pelé conseguiu ganhar três

copas do mundo (1958, 1962 e 1970). Marcou mais de mil gols, e se tornou um dos maiores ídolos do Brasil. O seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo e, no Brasil, ocupou o cargo de Ministro dos Esportes. Pelé acabou também se tornando motivo de críticas por grande parte do movimento negro pelo fato de não ter se envolvido, pelo menos de forma contundente, em lutas anti-raciais.

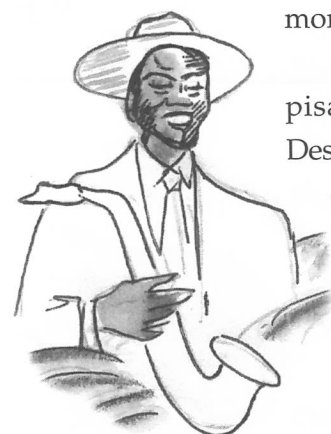
Entre os importantes atletas negros, não podemos esquecer de **Adhemar Ferreira da Silva**. Adhemar igualou o recorde mundial do salto triplo uma vez e o superou três vezes na década de 50. Foi tricampeão pan-americano e ganhou medalha de ouro nas Olimpíadas de Helsinque (1952) e Melbourne (1956). Foi conselheiro do Conselho da Comunidade Negra do Estado de São Paulo.



A música foi e é uma das manifestações mais importantes para o negro manter suas tradições e sua cultura. Com a difusão do rádio e do disco e a solidificação de uma indústria cultural, a música popular deixa de ser um produto marginal e passa a ser um grande produto de consumo. O saber popular musical passa a ser valorizado e o ritmo industrial exige músicas mais descartáveis. É nesse ritmo acelerado da indústria cultural que a memória musical vai se perdendo... É preciso resgatar e manter a memória. É preciso registrar a participação do negro na música popular, valorizar os artistas negros, a música afro-brasileira, no sentido de contribuir para a identidade étnica. Entre os vários expoentes negros na música podemos citar:

Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata. Essa baiana, moradora do bairro Cidade Nova, no Rio de Janeiro, fez da sua casa, no início deste





Pixinguinha, Cartola, Tia Ciata, entre outros, integram a lista dos vários expoentes negros na música popular brasileira.

século, um local de encontro de grandes músicos e boêmios, onde surge o samba. Tia Ciata foi uma das figuras mais populares do Rio antigo.

Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha. Nasceu no Rio de Janeiro em 1898. É um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos. Tocava flauta, saxofone e cavaquinho. Foi aclamado também como excelente compositor e maestro. Integrou os conjuntos "Oito Batutas" e "Velha Guarda". Morreu no Rio de Janeiro, em 1973.

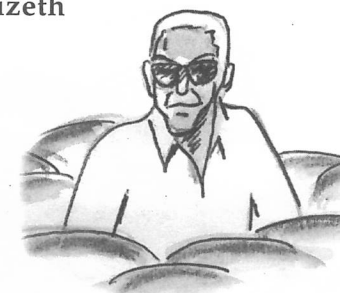
Antonio Candeia Filho. Nasceu no Rio de Janeiro, em 1935. Compôs grandes sambas e fundou o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, em 1975. Essa Escola de Samba buscava manter a tradição do samba, valorizando a cultura e a história do negro. Candeia morreu em 1978.

Clementina de Jesus. Somente aos 63 anos, em 1964, Clementina pisa, pela primeira vez, em um palco como cantora profissional. Descoberta por Hermínio Bello de Carvalho, a "Mãe Quelé" logo conquista seu espaço na música popular e no mundo do samba, com sua voz marcante e sua imagem forte e carismática. Morreu em 1987.

Angenor de Oliveira, o Cartola. Sua vida está bastante ligada à Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, da qual é um dos fundadores. Cartola foi compositor extraordinário e poeta primoroso.

E mais: **Paulinho da Viola, Nelson Cavaquinho, Ismael Silva, Paulo da Portela, Mestre Marçal, Raul de Barros, Luiz Gonzaga, Martinho da Vila, Leci Brandão, Silas de Oliveira, Zé Ketí, Gilberto Gil, Ataulfo Alves, Wilson Batista, Donga, Alcione, Wilson Moreira, João da Baiana, Milton Nascimento, Aniceto do Império, Xangô da Mangueira, Mano Décio, Roberto Ribeiro, Zaira de Oliveira, Monarco, Nelson Sargento, João Nogueira, Zé Espinguela, Ivone Lara, Nei Lopes,**

Elton Medeiros, Lupiscínio Rodrigues, Geraldo Pereira, Elizeth Cardoso entre tantos e tantos mais...



Num país aonde a estética branca é a que impera, os negros lutam muito para conseguir seu espaço nas artes cênicas. No teatro e no cinema, durante muito tempo, o pouco espaço que o negro tinha ficava quase que exclusivamente ligado ao folclore, ao pitoresco ou ao cômico. Na TV, até pouco tempo, só se encontrava negros em alguns papéis, como empregadas domésticas e bandidos. No final da década de 60, por exemplo, a TV Globo exibiu uma adaptação do romance de Harriet Beecher Stowe: "A Cabana do Pai Tomás" onde o personagem principal era interpretado pelo ator Sérgio Cardoso pintado de preto. Na década de 90, encontra-se na TV negros em papéis médios que ganham até um certo destaque, mas o número de negros nesses papéis é muito pequeno. São exceções. Parece que as emissoras de TV os empregam para demonstrar uma certa democracia racial televisiva. No teatro e no cinema os negros também encontram sérias dificuldades.

O pouco que se conseguiu de espaço nas artes cênicas deve-se muito ao esforço de atores e atrizes que, lutando contra a discriminação racial, conseguiram se projetar e projetar a imagem e a luta do negro no Brasil. Nesse sentido, podemos lembrar de: **Benjamin de Oliveira**, um dos primeiros palhaços do mundo; **Madame Satã**, artista transformista do teatro de revista que se tornou um personagem marcante na cultura carioca; Sebastião Bernardes de Souza Prata, o **Grande Otelo**, ator, compositor e humorista, fez grande sucesso no cinema ao lado de Oscarito e através do filme "Macunaíma". E mais: **Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Chica Xavier, Zezé Mota, Oswaldo Camargo, Léa Garcia,**

Num país aonde a estética branca é a que impera, os negros lutam muito para conseguir seu espaço nas artes cênicas. No teatro e no cinema, durante muito tempo, o pouco espaço que o negro tinha ficava quase que exclusivamente ligado ao folclore, ao pitoresco ou ao cômico.

Neste século, a questão racial foi pontuada por movimentos de negros em diversas áreas: na imprensa; na literatura; no teatro; nas universidades. Na década de 70 começam a surgir, em maior número, grupos negros políticos, culturais e de mulheres.



Eliezer Gomes, Jacira Silva, Antonio Pitanga, Benedito Silva, Cleia Simões, Haroldo Costa, Zózimo Bubul, Antonio Pompeu, Claudiano Filho, José Maria Monteiro, Isaura Bruno, Ubirajara Fidalgo, Monsueto, entre tantos outros.

Neste século, a questão racial foi pontuada por movimentos de negros em diversas áreas: na imprensa; na literatura; no teatro; nas universidades. Na década de 70 começam a surgir, em maior número, grupos negros políticos, culturais e de mulheres. Cada vez mais são eleitos parlamentares negros, como a senadora **Benedita da Silva**. São os negros em movimento...

Um personagem que bem representa a luta e a riqueza do movimento negro neste século, pelo seu engajamento e dinamismo, é **Abdias do Nascimento**. Abdias nasceu em Franca, São Paulo, em 1914. Sua biografia é recheada de acontecimentos importantes. Destes podemos destacar: participou na década de 30 da Frente Negra Brasileira; em 1944 funda o Teatro Experimental do Negro-TEN, que buscava conquistar espaço para o negro no teatro e na literatura dramática; em 45 ajuda a fundar o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, braço político do TEN; em 57 Abdias forma-se na primeira turma do Instituto Superior de Estudos Brasileiros-ISEB, no curso pós-universitário, com concentração em sociologia; na década de 60 e 70, devido a repressão militar, deixa o Brasil e vai ser professor universitário nos Estados Unidos e na Nigéria. Nos Estados Unidos, além de lecionar, pinta e expõe uma série de quadros. Participa de inúmeros

encontros e congressos internacionais e em todos eles denuncia o racismo brasileiro. De volta ao Brasil, Abdias funda o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros- IPEAFRO. Nos anos 80 e 90 luta contra o racismo também na esfera parlamentar, primeiro como deputado federal depois como senador. Em 91 é empossado como titular da Secretaria Extraordinária de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras – SEAFRO, do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Abdias do Nascimento é uma das maiores expressões de uma história de luta, de sofrimento, mas também rica em cultura, alegria, beleza e talento. História esta que negros como ele fizeram e fazem todos os dias.



Muitas vezes quando pensamos na participação do negro na história do Brasil pensamos somente no negro escravizado. Pensamos nesse negro sem nome, sem vontade, apenas como uma vertente do sistema colonial. Talvez pensemos também na contribuição do negro para a cultura brasileira: o samba, a capoeira, o carnaval. Mas também pensamos nessa cultura de forma genérica, diluída na cultura brasileira. Esse texto quer levantar alguns nomes e momentos da participação do negro na história do Brasil para mostrar um negro atuante, com personalidade, com história, com vida. Registrar essa história é contribuir para dar referenciais étnicos para a população afro-

**CONSTRUINDO
UMA
IDENTIDADE
ÉTNICA AFRO-
BRASILEIRA**

O AUTOR

Nelson da Silva Oliveira é formado em História pela UFRJ e pós-graduando em Educação pela UFF. Professor da rede estadual e do Projeto Pré-vestibular para Negros e Carentes. Pesquisador do CIEC – Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais da Escola de Comunicação da UFRJ.

*Vultos Negros na História do Brasil é uma publicação do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas - CEAP,
Rua da Lapa, 200 - gr.809 - Centro RJ - CEP: 20021-180 - tels: (021) 509-6771/509-4413 fax: (021) 509-2700
e-mail: ceap@ax.apc.org - home Page: www.alternex.com.br/~ceap*

*Edição e produção: Espalhafato Comunicação e Produção. Programação Visual: Clarice Soter.
Revisão: Ricardo Peixoto e Flávia Chapetta. Fotolito: TextMaster. Impressão: Reproarte.*

*Ilustrações: Krishnas.
Coordenação Geral: Éle Semog*

Rio de Janeiro, 1999



O CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas é uma entidade sem fins lucrativos que atua na luta contra a violação dos direitos da criança e do adolescente, das mulheres e das populações negras marginalizadas socialmente.

Na luta que trava contra todas as formas de discriminação, o CEAP se baseia em estudos, pesquisas e análises, e desenvolve além de ações através de projetos e programas, um trabalho de excelência jurídica no combate ao racismo.

Fundado em 1989, o CEAP está aberto a consultas para apoios e assessorias, desde que limitados aos segmentos aqui identificados.

DIREÇÃO

Presidente: Mayte Ferreira da Silva

Secretário: Luiz Alberto Bruno

Tesoureiro: Willmann da Silva Andrade

Secretário Executivo: Ivanir dos Santos

ADMINISTRAÇÃO

Coordenador: Samuel Aarão Reis

Fátima Lúcia das Neves

Yeda C. Ferreira de Menezes

José Ricardo Bernardino

CEDOM

Coordenador: Mauro Fernandes dos Santos

Marilene de Paula

Michael Weiss

COMUNICAÇÃO

Coordenador: José Reinaldo B. Marques

Éle Semog

Alcenir Félix da Silva

PROGRAMA JURÍDICO/ CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Coordenador: Sérgio Martins

Gustavo Proença

Walmir dos Santos

Rosana Lacerda

Andrea Couto

PROGRAMA RACIAL

Coordenador: Jorge Damião V. da Costa

Éle Semog

PROGRAMA DE MULHERES

Coordenadora: Mayte Ferreira

Marilene de Paula

Cecilia Rodrigues